

Sonhador

A Mario de Alencar

Delos caminhos asperos da vida
Passa como uma sombra, levemente,
Mal na poeira da terra, de fugida,
Toca a fimbria da tunica nilente.

Sua alma, como uma harpa dolorida,
Sussurra accordes que ninguem presente.
Em seu mundo interior embevecida
Olha as cousas do mundo, indifferente.

Rugem-lhe em torno o estrépito, o fracasso,
Da natureza num vozear medonho,
Elle os não ouve, livra-se no espaço.

E ao vir a morte, acolhe-na risonho,
A cabeça reclina em seu regaço,
E pela morte continúa o sonho...

Arnaldo Damasceno Vieira